

**NO PRINCÍPIO ERA O VERBO: A PRESENÇA BÍBLICA EM
CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS**

*IN THE BEGINNING WAS THE VERB: THE BIBLICAL PRESENCE IN
CHRONICLES BY MACHADO DE ASSIS*

Helen Vanessa Couto SILVA¹

RESUMO: O presente artigo busca estudar crônicas de Machado de Assis a partir do viés intertextual alicerçado na presença de referências bíblicas. A Bíblia Sagrada é o livro mais lido do mundo, o que faz com que sua importância transcenda os muros religiosos e cause curiosidade aos estudiosos de Letras e Ciências Humanas, além de ser uma fonte constante de recriação por autores de diferentes épocas. Machado de Assis, em muitas páginas, traz as sagradas escrituras para seus textos, aliando a matriz bíblica à sua criticidade social e vicissitudes do comportamento humano. Para tanto, usamos como principais chaves teóricas Athayde (1960), Bosi (2006) e Poncioni (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Machado de Assis; Intertextualidade; Bíblia Sagrada.

ABSTRACT: This paper aims to examine chronicles of Machado de Assis from an intertextual perspective based on the presence of biblical references. The Holy Bible is the most-read book in the world, which means that its importance transcends religious walls and causes curiosity among scholars of letters and human sciences, as well as being a constant source of recreation by authors from different eras. Machado de Assis, in many pages, brings the sacred scriptures to his texts, combining the biblical matrix with his social criticism and the vicissitudes of human behavior. To do so, we use Athayde (1960), Bosi (2006), and Poncioni (2008) as the main theoretical keys.

KEYWORDS: Chronicle; Machado de Assis; Intertextuality; Holy Bible.

1 Introdução

¹ Graduada em Licenciatura em Letras com Francês, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. Orientadora: Profa. Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (processo n. 2789/2021). E-mail: vanessahcouto@gmail.com.

A discussão sobre livros clássicos sempre está presente em rodas de conversas, salas de aula ou até mesmo dentro das pautas levantadas nas redes sociais. Sempre estamos buscando entender o pensamento do autor e a profundidade dos trabalhos que conseguem chegar ao patamar de obras canônicas e que resistem ao tempo. Calvino (1993, p.11) afirmou que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” e, assim, são as obras de Machado de Assis. Obras intermináveis e incontornáveis ainda em nosso tempo.

Oriundo de infância pobre e órfã, Machado de Assis não teve a formação que era considerada apropriada para ser um escritor ou jornalista, o que o fez ser alguém improvável naquela segunda metade do século XIX. Indo além do esperado para o seu horizonte social, aos 14 anos já publicava seu primeiro soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.” no *Periódico dos Pobres*, em 3 de outubro de 1854. Não parando por aí, em 1856 conseguiu chegar ao posto de aprendiz de tipógrafo e, dois anos depois, ele já era revisor no *Correio Mercantil* e redator do *Diário do Rio de Janeiro*, emprego que aceitou por convite de Quintino Bocaiúva².

Além disso, escrevia para a revista *O Espelho*, para a *Semana Ilustrada* e para o *Jornal das Famílias*, mas foi em 1864 que publicou seu primeiro livro de poesia. Esteve em todos os espaços que um intelectual poderia estar naquele período: foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta, teatrólogo, tradutor e fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a 23ª cadeira. A obra literária de Machado de Assis é imensa não só em qualidade, pois o autor conseguiu escrever nove romances, dez peças teatrais, mais de 200 contos, cinco coleções de poemas e mais de 600 crônicas. E, apesar de ser mais conhecido pelo seu grande trabalho como romancista, foi através da poesia que Machado publicou o seu primeiro livro, a coletânea “Crisálidas”, em 1864 (trata-se de poemas que foram escritos entre 1858 e 1864, período em que Machado de Assis tinha entre 19 e 25 anos).

² Quintino Bocaiúva (1836-1912) foi um jornalista e político brasileiro e ficou conhecido por atuar na luta republicana.

Em 1881, Machado lança “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e, com ele, dá início a uma sequência de obras consideradas mais maduras pela crítica, que inauguram o chamado Realismo brasileiro, assim como dito por Domício Proença Filho, imortal da ABL, em uma entrevista cedida ao *MetrôRio* em 2018: “Ele insere modernidade no romance brasileiro. O Machado usou a técnica da digressão. O que importa não é a ação, mas as reflexões do narrador”³. A partir desse e de tantos outros elementos de sua escrita, ele passou a ser consagrado como um dos grandes mestres da prosa do século XIX.

Através de sua pena irônica e reflexiva, que não entrega nada de mão beijada ao leitor, Machado retrata a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, revelando uma face contrária ao Brasil mostrado por muitos dos autores que o antecederam, com notas sutis sobre a organização nacional, que era/é elitista, racista e conservadora, apontando os desafios da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. Vale salientar que as obras de Machado foram escritas concomitantemente com sua vida de funcionário público, deu expediente como escrivão na Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas por muitos anos.

A ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu, um dos caminhos permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade, mas o escritor não deve ser transformado em ídolo; isso não conviria a um autor que fez da literatura uma recusa assídua de todos os mitos. (Bosi, 2006, p.193).

Bosi (1970) defende que o ponto mais alto e proporcional da literatura brasileira é justamente a ficção realista de Machado, sendo “Memórias Póstumas de Brás Cubas” a obra chave. Isto é reafirmado em 2006, quando o crítico reforça que, pelo fato de o escritor prezar pela sinceridade racional em respeito à literatura brasileira, acabou atribuindo à sua obra valores intelectuais e morais que ainda fazem sentido na nossa contemporaneidade.

2 Machado cronista: uma pena sempre afiada

³ Disponível em: <https://www.metroworldnews.com.br/entretenimento/2018/09/29/machado-de-assis-morreu-ha-110-anos-deixando-um-estilo-textual-ironico-e-legado-imortal.html>. Acesso em: 20 abril 2022.

Antes de começarmos a falar do lado cronista de Machado, devemos primeiro trazer à luz parte da trajetória da crônica e como ela chegou no Brasil, uma vez que nosso autor é considerado um dos precursores do gênero no país.

A crônica como conhecemos é vista como um gênero totalmente brasileiro, pois ela difere muito da crônica original criada na Grécia e da versão posterior desenvolvida na França. Em seu percurso de consolidação, a crônica era inicialmente usada para relatar histórias da realeza, como suas conquistas territoriais, com o intuito de preservar essas memórias. Batizada com um nome baseado no deus Cronos, a crônica, por muito tempo, serviu apenas para relatar fatos de forma cronológica. E, ainda hoje, este é um dos papéis da crônica, uma vez que o cronista se apropria de uma situação cotidiana, que a olhos comuns durariam talvez cinco segundos, e a transforma em um texto que se eterniza e faz com que o leitor reflita sobre aspectos, aparentemente, banais.

Sendo assim, é possível traduzir “cronista” como “um observador da realidade”, o que nos leva de volta ao nosso Machado de Assis. Como já mencionado, ele foi um dos precursores do gênero no Brasil e o responsável por iniciar as mudanças que o texto exigia para chegar ao que conhecemos hoje. A crônica, filha dos folhetins, ganhou espaço por ser um texto mais suave entre tantas notícias de tragédias do dia a dia, além de ser um alívio para os autores que tinham a obrigação de entregar uma matéria por dia/semana. Segundo Antonio Candido (1984, p. 11) o sucesso deste gênero se deve ao fato de que “por serem leves e acessíveis, talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional da visão humana do homem na sua vida de todo dia”. Candido (1984, p.13) ainda afirma que “[...] a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo”. Desta forma, é possível perceber como a crônica se tornou um dos gêneros favoritos entre os brasileiros.

Tristão de Athayde afirma que, para Machado, a crônica é a base de toda ficção:

Na prosa de Machado de Assis há três camadas constantes – a crônica, o conto e o romance. Os contos são desdobramentos de crônicas e os romances um

SILVA, H. V. C.

colar de contos. [...] Em Machado, a ficção nasce da realidade. A imaginação trabalha sobre ela. Mas nunca perde o contato com ela. O cronista está sempre em ação, pois reflete diretamente os fatos da vida corrente e as ideias por eles provocadas. [...] Daí se encontrar ele inteiramente à vontade no gênero crônica, que o coloca sempre em ligação com as duas frentes em que opera simultaneamente: a frente fato e a frente ficção (Athayde, 1960, p.2).

Em 1859, nosso autor começa a escrever para a revista *O Espelho* e lança a série de crônicas “Aquarelas”, na qual, como o título sugere, a crônica é entendida como uma pintura da realidade, entretanto, deve haver regras para escrevê-la. A técnica de pintura em aquarela pode ser bastante realista, mas a água que é usada para diluir a tinta também ajuda a suavizar o desenho, deixando apenas seu contorno bem marcado. Assim deve ser a escrita do cronista: suave, mas fiel aos fatos. A ideia de crônica é a de um texto que faz rir e refletir ao mesmo tempo:

Os jornalistas, e sobretudo os cronistas, são os maiores mágicos do meu conhecimento. Iludem ao público de maneira singular e impingem-lhes, pelo valor de uma assinatura, a mesma novidade que recebem grátis das mãos do respeitável público. (Assis, 1938, p. 303)

Segundo Poncioni (2008), “É assim que as crônicas de Machado são uma pintura de um período importante do Segundo Império e da transição entre a Monarquia e a República”. Dessa forma, o cronista deve escrever sobre política, entretanto, como um conteúdo entre outros e que reste ao jornalista os temas mais complexos. Machado entendia a crônica como algo que vinha dos leitores para os leitores e, por este motivo, conseguiu fazer dela, a crônica, seu domínio para realizar ensaios, além de ser um ótimo espaço para a experimentação de ideias e de estética para seus escritos, uma vez que, em seu tempo, a crônica era lida diretamente no jornal e a recepção poderia ser acompanhada mais rapidamente.

A obra machadiana muito se beneficiou da estrutura que há na crônica, pois se valeu dela como campo de provas para toda a espécie de experimentação dos limites do narrar. Dentro desse mosaico de narrativas, o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade, aparentemente, condenada às conversas de confeitaria, esquinas, saraus e teatros. E os assuntos “nobres” - política, administração do Império, fatos

internacionais democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais. (Lima, 1981, p. 423)

Machado aproveitava da versatilidade do gênero crônica para utilizar diversos recursos literários tais como diálogos e pseudônimos. E, assim, durante quarenta anos de produção ativa ele publicou mais de 600 crônicas em diversos jornais brasileiros, tais como: *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada* (1860-75), *Futuro* (1862), *Ilustração Brasileira* (1876-78), *Cruzeiro* (1878) e, a partir de 1883 até 1897, na *Gazeta de Notícias*, com colunas, títulos e assinaturas diferentes.

Da juventude à velhice, o autor de Dom Casmurro publicou centenas de crônicas em diversos jornais e revistas. Para reuni-las em volumes, os editores das obras completas do escritor tiveram de ter uma paciência chinesa; Machado assinou várias delas com os mais diferentes pseudônimos - Dr. Semana, Eleazar, Gil, Job, Lélío, Manassés, etc. Assim, os organizadores foram obrigados a separar o joio do trigo pelas características de estilo, identificar um a um os textos escritos pela pena da galhofa e a tinta da melancolia. (Sabino, 1991 apud Poncioni, 2008, p.42)

E por falar em separar joio do trigo, metáfora presente na Bíblia Sagrada, é desse livro fundamental da nossa tradição cristã que Machado de Assis toma de empréstimo várias citações, versículos e/ou histórias para a construção de muitas páginas de sua vasta obra. A Bíblia, base documental da cultura judaico-cristã, dita muito das regras e normas morais que estão em vigor na sociedade e Machado de Assis, como um grande leitor e intérprete da nossa cultura, não poderia se furtar ao diálogo com as Sagradas Escrituras e renová-las a partir de seus pontos de vista sobre a sociedade brasileira.

2.1 Machado de Assis e a Bíblia: um novíssimo testamento

Machado contribuiu com alguns jornais e revistas, muitas vezes assinando, como já dito, com pseudônimos. Seus textos comumente se baseiam em algum versículo, livro ou história da Bíblia e, de forma mais direta, em algumas das colunas que ele escreveu, assinou com pseudônimos bíblicos. Em “História de Quinze Dias”, na *Ilustração Brasileira* (1876-78), assinava como Manassés;

SILVA, H. V. C.

“História de Trinta Dias”, na *Ilustração Brasileira* (1878, quando a revista se tornou mensal), assinava, também, como Manassés e em “Notas Semanais” e “O Cruzeiro” (1878), assinava como Eleazar.

O nome Manassés, na Bíblia, aparece em duas personagens de destaque. O primeiro foi um dos filhos de José, governador do Egito e filho de Jacó, que, após ser adotado pelo avô, tem o seu nome dado a uma das 12 tribos de Israel; o outro Manassés foi um dos reis de Judá, a parte sul de Israel que era governada pelos descendentes de Davi, mas, diferentemente de seu ancestral, ele foi um dos reis infiéis a Deus e, por conta de seus atos, atraiu a ira de Deus. Entretanto, Manassés foi o rei de reinado mais duradouro em Judá – 55 anos.

O nome Eleazar aparece cinco vezes: Um sumo-sacerdote, filho de Aarão e sobrinho de Moisés; um habitante de Quiriate-Jearim, que foi separado como encarregado da arca da aliança, embora não tivesse permissão para tocá-la enquanto permaneceu na casa de seu pai, Abinadabe (*1 Samuel 7:1-2*; comp *Números 3:31*; *4:15*); o filho de Dodó, o aoíta, da tribo de Benjamim, um dos três mais famosos dos trinta e sete heróis de Davi (*1 Crônicas 11:12*) que atravessou o exército filisteu e trouxe para o rei Davi a água do poço de Belém (*2 Samuel 23:9,16*); um filho de Finéias que, junto com outros sacerdotes, ficou encarregado de trazer os objetos sagrados de volta a Jerusalém após o exílio (*Esdras 8:33*) e um levita da família de Merari (*1 Crônicas 23:21-22*).

Acreditamos que a motivação da escolha do nome Eleazar advém do sumo-sacerdote, que foi chefe das famílias dos levitas e se tornou o sucessor de seu pai após a morte prematura dos irmãos, que não deixaram sucessores. De acordo com a tradição bíblica, apenas os descendentes de Aarão poderiam ser levados ao cargo de sumo-sacerdote. E foi junto com seu tio, Moisés, que ele fez o recenseamento do povo de Israel em frente a Jericó. Além disso, ele também ajudou na consagração de Josué e na distribuição de terras após a conquista da Terra Prometida.

A crônica é um relato dos acontecimentos, ou, em outras palavras, a narração temporal de episódios da vida. A Bíblia também apresenta em seus livros uma narração de eventos históricos de diversos períodos. Para além disso, é possível encontrar, dentro do livro sagrado cristão, um livro com o nome de “Crônicas”, que é subdividido em “1 e 2 Crônicas”, e que relatam histórias bem

marcadas do “Antigo Testamento”, que vão de Adão até a época do rei Ciro da Pérsia. Esse estilo de crônica presente na Bíblia, e mais tarde presente nos textos de Machado (através da apropriação da estrutura do texto bíblico), seguem a estética da crônica inicial, criada apenas para relatar o tempo e registrar memórias. Obviamente, é possível perceber que a ironia machadiana incrementa este estilo mais antigo, mas não deixa de segui-lo. Leandro Konder afirma que Machado, assim como Alencar e Bilac, utilizavam bastante da linguagem “literária” e que não contribuíram para a crônica moderna, que ganhou fôlego a partir de 1930 (Konder, 2015, p.33).

Não é novidade que as histórias contadas na Bíblia, e também na mitologia grega, alimentam muito do que lemos e assistimos, nas mais variadas formas de arte (sejam livros, filmes, novelas, músicas, etc). Machado de Assis não foi diferente e se alimentou muito dessas histórias, como no exemplo da crônica “O Nascimento da Crônica”, que foi publicada em 1877 no jornal *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro. A narrativa busca mostrar que escrever uma crônica não é das coisas mais difíceis, e para iniciá-la basta se apropriar de uma “trivialidade”. Entretanto, é no desenvolvimento que ele se lança às passagens bíblicas, fazendo uma análise da produção da crônica, do calor e do texto bíblico ao mesmo tempo.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer Casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldado ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem (Assis, 1994, p. 13-15).

O autor de “Dom Casmurro” aproveita para dar as suas contribuições ao entendimento que há sobre o incidente do jardim do Éden, uma vez que ele apresenta as estações do ano como uma consequência do pecado de Eva, dado que consta no livro de Gênesis, capítulo 3:

SILVA, H. V. C.

E a Adão disse: Porquanto destes ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás (Gênesis 3:17-19).

Ao condenar o casal em questão a sobreviver de seu suor, Deus estaria criando as estações do ano para que, assim, Adão e Eva pudessem plantar e colher o seu próprio alimento. Já no evangelho machadiano:

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano (Assis, 1994, p. 13-15).

Dessa forma, pode-se supor que Machado tinha, também, a intenção de fazer com que o seu leitor pensasse para além do calor como algo natural, mas sobre as causas de sua existência. Além disso, nesse texto, Machado de Assis demonstra através da metalinguagem que escrever pode ser algo simples, basta iniciar por um assunto banal e pensar causas e motivações para o episódio/assunto abordado. Ele mostra, ainda, que é possível fazer comparações, como na “História dos Bichos”, publicada em 1894 no jornal *Gazeta de Notícias*:

Quinta-feira de manhã fiz como Noé, abri a janela da arca e soltei um corvo. Mas o corvo não tornou, de onde inferi que as cataratas do céu e as fontes do abismo continuavam escancaradas. Então disse comigo: as águas hão de acabar algum dia. Tempo virá em que este dilúvio termine de uma vez para sempre, e a gente possa descer e palmear a Rua do Ouvidor e outros becos (Assis, 2021, p. 227-228).

Machado buscava abordar em suas obras assuntos atuais, o que explica o porquê de ele, muitas vezes, usar a Bíblia. Este conjunto de livros considerados sagrados trata de assuntos universais, e Machado aproveitava esses temas para fazer seus leitores refletirem sobre os seus atos e o que é pregado pela sociedade. A equação, feita a partir da intertextualidade com doses homeopáticas de ironia, faz com que o leitor de Machado de Assis tenha uma certa dificuldade para identificar o assunto principal do texto e, assim, o leva a uma experiência de

reflexão, fazendo-o atentar para as práticas consideradas corretas, mas que, no fundo, são questionáveis (não pelo certo ou errado, mas por não contemplarem a maioria à sua volta), porque, diferentemente do texto religioso, a literatura não tem intenção doutrinária.

Outro ponto de destaque na utilização da Bíblia nas crônicas de Machado é a utilização das personagens, e uma delas, em especial, aparece em diversos textos: O Diabo.

A figura do “Diabo” na obra de Machado de Assis já chamou a atenção dos críticos anteriormente. John Gledson em sua introdução aos contos disse que Machado de Assis “[...] certamente acreditava na bondade humana inata [...]” (Gledson, 1998, p. 44). Pode-se atestar isso no conto “A igreja do Diabo”, quando o Diabo faz sua petição para desviar os fiéis da igreja de Deus, acusando-os de serem corruptos e se esconderem em vestes de cristãos. Gledson cita também outro trabalho de Machado de Assis, que mostra novamente seu gosto pela personagem “Diabo”. Em “Sermão do Diabo”, uma crônica datada de 04/09/1892, publicada na série “A Semana” do jornal Gazeta de notícias (Gledson, 1998, p. 54), Machado de Assis diz que há uma semelhança entre a igreja de Deus e do Diabo “[...] Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus [...]” (Assis, 1893, p. 01 apud De Azevedo, 2004, p. 3).

Ao parodiar a figura do Diabo, Machado utiliza o texto bíblico encontrado no “Evangelho de Mateus”, capítulos de 5 a 7, e no “Evangelho de Lucas”, conhecido como “O Sermão da Montanha”. Nesta passagem, Jesus transmite lições de conduta e moral, ditando os princípios que normatizam e orientam a vida cristã. Por ser um texto muito conhecido, Machado de Assis utiliza a mesma estrutura encontrada na Bíblia para compor o seu texto. Podemos observar essa configuração neste pequeno trecho da crônica “Sermão do Diabo”: “[...] E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos. E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes [...]” (Assis, 1892⁴); e na Bíblia: “[...] E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximou-se dele os seus discípulos; e abrindo a sua boca, os ensinava dizendo [...]” (Mateus 5:1).

4

Disponível

em:

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/osermãodoDiabo.htm>. Acesso em: 20 abril 2022.

De Azevedo (2004, p. 3) afirma que “Machado de Assis sempre faz do Diabo um ser copioso, inescrupuloso e sem personalidade própria, incapaz de criar com singularidade seu discurso” e corrobora sua afirmação na fala de John Gledson que, em sua introdução aos contos, disse que Machado de Assis “...certamente acreditava na bondade humana inata...” (1998, p. 44, apud De Azevedo, 2004, p.3). Esse reconhecimento das convicções de Machado em relação aos seres humanos pode ser visto no conto “A Igreja do Diabo”, quando o Diabo faz a sua petição para desviar os fiéis da igreja de Deus, acusando-os de serem corruptos e se esconderem em vestes de cristãos. Assim como em outros textos, o autor de “Esaú e Jacó” trata da contradição humana. Entretanto, não podemos deixar de notar que o personagem do Diabo, nas obras machadianas, é alguém que aparenta ser onisciente, tal qual o próprio Deus, mas, na verdade, não é. É essa falta de onisciência que traz ao personagem, e conseqüentemente ao texto, o tom cômico que só é possível graças à ironia do autor. O Diabo convence o leitor, e a si próprio, que ele conhece as vontades humanas, mas, quando o resultado não sai como esperado, ele se surpreende e não entende o porquê.

Alana El Fahl (2015) corrobora com esse pensamento e afirma que uma das estratégias de Machado de Assis era a reescrita dos textos bíblicos com o narrador como autor desse novo evangelho profano. Exemplo disso é a crônica “Sermão do Diabo”, baseada no “Sermão da Montanha”; a crônica “História dos Bichos”, baseada na história de Noé (Gênesis 5-10); e o conto “A Igreja do Diabo”, baseado no livro de Jó.

Ambos são construídos pelo viés de uma lógica muito semelhante. O mal personificado ganha corpo e se dedica a negar o discurso divino e todas as suas obras. Nesses textos, Machado avança para o Novo Testamento, cenário onde Cristo é o personagem principal. Traz para sua superfície narrativa cenas bíblicas que apresentam o Diabo como personagem e imprime-lhe tintas de protagonismo, novamente dividindo com o Bem o palco sagrado, como já fora posto em Adão e Eva. Comportando-se como um quinto evangelista, nosso autor passa a propor uma ordem inversa de valores morais que contradizem o texto bíblico, mas que muito dizem da condição humana (El Fahl, 2015, p. 12).

Como dito anteriormente, a estrutura do texto bíblico, separada em capítulos e versículos, também sofre a apropriação de Machado. Em “Na Arca –

três capítulos inéditos do Gênesis”, nosso astuto autor copia a ordenação do texto bíblico e altera a imagem dos personagens. Nesse texto, voltamos a ver a história de Noé, dessa vez junto a seus filhos que, antes mesmo de saírem da arca, já sonhavam com a terra que encontrariam ao baixarem as águas. A conversa entre os três irmãos traz a discordância comum daqueles que têm irmãos e que, no final, precisam da intervenção dos pais para cessar o conflito.

O livro de Gênesis, assim como a maior parte dos livros do “Antigo Testamento”, nos é apresentado a genealogia dos seus personagens, e não é diferente com Noé: “E os filhos de Noé, que da arca saíram, foram Sem, Cam e Jafé; e Cam é o pai de Canaã. Estes três foram os filhos de Noé; e destes se povoou toda a terra.” (Gênesis 9:18,19, grifo nosso). O fato de a escritura marcar o filho de Cam não é à toa. Assim como tudo que é encontrado no texto bíblico, a informação é intencional, pois o nome Canaã será muito frisado em outros livros dessa coletânea. A terra de Canaã, por exemplo, é o nome da terra que Deus promete ao povo de Israel, e também é o nome que dá origem aos cananeus. O ponto específico que queremos tratar com esse texto é que, no original, Cam e Canaã são amaldiçoados por Noé, que, ao ficar bêbado, é exposto por seu filho aos outros irmãos.

E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha. E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda. E viu Cam, o pai de Canaã, a nudez do seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos do lado de fora. Então tomaram Sem e Jafé uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai, e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai. E despertou Noé do seu vinho, e soube o que seu filho menor lhe fizera. E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos. E disse: Bendito seja o Senhor Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo (Gênesis 9:20-27).

Não há registros na Bíblia do porquê de ter sido, também, Canaã amaldiçoada. Os outros filhos de Cam, Cuxe, Mizraim e Pute, não foram mencionados na condenação dada por Noé, e, deles, a Bíblia diz que originaram povos como a Babilônia, Assíria, Nínive, Egito, o povo etíope e etc. Oriundas de Canaã, nasceram todas as nações apontadas como de cananeus, e todas foram

SILVA, H. V. C.

subjugadas historicamente pelo povo judeu na Bíblia (Gênesis 15:20). A passagem de Noé e sua família ficou fortemente conhecida e, no ano de 1895, inspirou o espanhol Modesto Brocos a pintar um quadro intitulado “A Redenção de Cam”.

Figura1 — Modesto Brocos. A redenção de Cam (1895)



Óleo sobre tela, 199cm x 166cm

Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes

O quadro, considerado como a ilustração da tese do branqueamento, traz quatro personagens: uma mulher negra retinta, outra mulher menos retinta, um homem branco e uma criança branca. A senhora negra retinta é apresentada agradecendo aos céus pelo nascimento da criança branca, filha da mulher negra menos retinta com o homem branco. Essa tela ilustra a teoria do branqueamento que enxerga na miscigenação uma porta para a diluição da cor negra. Roncolato (2018) declara que:

O mito é reinterpretado por Brocos que aponta, seguindo as teorias da sua época, que a salvação – ou “redenção” – dos descendentes de Cam se daria por meio da sua extinção, por efeito do branqueamento (Roncolato, 2018).

Machado, por sua vez, também traz a redenção de Cam. No seu texto, o personagem tenta apartar a briga dos irmãos, cedendo sua parte da terra imaginária que deu início à briga; e, também, é Cam quem chama o pai quando ele mesmo não consegue resolver a situação. Nosso autor mantém em Cam a insuficiência para resolver problemas, mas corrige a impressão de que Cam seria um zombeteiro que não se importa com os problemas familiares.

11. – E disse Cam: – “Ora, pois, tenho uma idéia maravilhosa, que há de acomodar tudo; – “A qual me é inspirada pelo amor que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um.”

12. – E Sem e Jafé riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: “Vai plantar tâmaras! Guarda a tua idéia para os dias da velhice.” E puxaram as orelhas e o nariz de Cam; e Jafé, metendo dois dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.

13. – Ora, Cam, envergonhado e irritado, espalmou a mão dizendo: – “Deixa estar!” e foi dali ter com o pai e as mulheres dos dois irmãos (Assis, 1959, p. 303).

Machado era um autor de pena afiadíssima e, assim como nos textos bíblicos, nada que aparece em seus escritos é sem propósito. Refletir, repensar e rever os eventos que rodeiam a humanidade era a sua especialidade e não tinha como ser diferente com a história de Cam e Canaã. O autor, que tinha admiração pelos textos bíblicos, coloca seus leitores para reavaliar a posição de Cam frente aos casos de família, assim como fez com que revissem as causas para a existência do calor.

Considerações finais

Machado de Assis era um grande leitor da tradição cultural e traz a força dessas obras para o centro de sua produção, as pondo em diálogo com as questões da sociedade brasileira. Diante das obras machadianas, o leitor vai costumeiramente se encontrar com referências bíblicas, ora mais explícitas, ora mais sinuosas, independentemente do gênero dos textos. Essa presença pode ser

SILVA, H. V. C.

facilmente identificada em “Dom Casmurro”; “Memórias Póstumas de Brás Cubas”; “Esaú e Jacó”; “Memorial de Aires, Adão e Eva”; “Que Dilúvio Deus de Noé”; “Dizem da Bahia que Jesus Cristo Enviou um Emissário à Terra” e tantas outras páginas.

Machado compõe a sua crônica com o propósito de expor ao leitor o que é e como funciona a sociedade de seu tempo, entretanto, até os dias de hoje a obra machadiana continua servindo de lupa para nossas mazelas. Machado refaz o caminho interpretativo da literatura sagrada cristã, que mostra uma única verdade sobre a vida, mas que, na maioria das vezes, a sociedade não consegue cumprir, e constrói uma nova linha de interpretação da vida e a da forma como a enxergamos. Além disso, o autor também traz noções de criticidade para que o leitor saiba identificar, na sua leitura, suas verdades, que, muitas vezes, se apresentam em descompasso moral, como podemos observar nas palavras de Paulo Sérgio Proença:

De fato, em Machado, a Bíblia constituiu-se em privilegiada fonte intertextual utilizada de forma livre e independente de tradições teológico- doutrinárias. Fica reforçada a sensação de que, pelo menos no mundo ocidental, o estudo da Literatura não dispensa um razoável conhecimento bíblico. [...] podemos observar que Machado teve plena consciência do valor canônico da Bíblia. Talvez por isso mesmo ele a tenha usado tanto, com a intenção de desestabilizar as bases canônicas da civilização ocidental, em arte literária de efetiva e intencional iconoclastia (Proença, 2011, p. 236).

Através da sua escrita, Machado de Assis se mostra como um grande especialista da alma humana e dos personagens que a Bíblia nos apresenta, e, além disso, nosso autor nos mostra, por meio de sua obra, os sentimentos que nos levam à contradição humana. Para ler e entender minimamente Machado, é preciso ir além do que está à mostra e desenvolver a capacidade de ler nos capítulos, dos versículos e, sobretudo, nas entrelinhas. No caso de Machado, cada letra está entrelaçada ao nosso vasto tecido cultural e histórico, passando pelas nuances do Brasil do seu e de todos os tempos. E, assim, ele nos legou um novíssimo testamento.

Como citar este artigo?

SILVA, H. V. C. No princípio era o verbo: a presença bíblica em crônicas de Machado de Assis. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 22, n. 01, p. 293-309, 2023.

Referências

ASSIS, M. de. Novidades da semana [19 jun. 1864]. In: ASSIS, M. de. *Crônicas* [1859-1863]. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. v. 1, p. 303.

ASSIS, M. de. *Obras Completas*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1959.

ASSIS, M. de. História dos quinze dias [15 ago. 1876]. In: ASSIS, M. de. *Crônicas* [1859-1863]. Rio de Janeiro: Mérito, 1962. v. 24, p. 107.

ASSIS, M. de. O sermão do Diabo. In: ASSIS, M. de. *Páginas recolhidas entre 1892/94* (Obra completa). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v.2. p. 647-649, v. 2.

ASSIS, M. de. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. v. 3.

ATHAYDE, T. de. Machado folhetinista. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 out. 1960. (Suplemento Literário).

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. Editora Cultrix, 1994.

BOSI, A. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio, p. 89-99.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DE AZEVEDO, I. C. P. C. et al. Considerações sobre o Diabo no conto “a igreja do Diabo” de Machado de Assis. *Revista Argumento*, v. 6, n. 12, p. 51-58, 2004. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/issue/view/82>. Acesso em: 04 abril 2022.

EL FAHL, A. de O. F. O evangelho segundo Machado. *Tabuleiro de Letras*, v. 9, n. 2, p. 24-37, 2015. Disponível em:

SILVA, H. V. C.

<https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/issue/view/128>. Acesso em: 08 jun 2022.

DIXON, P. B. *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre: Movimento, 1992.

LIMA, L. C. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

KONDER, L. *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*. Boitempo Editorial, 2015.

PONCIONI, C. Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade cronistas. *Verbo de Minas*, v. 7, n. 13, p. 37-48, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/1995733/MACHADO_DE_ASSIS_E_CARLOS_DRUMMOND_DE_ANDRADE_CRONISTAS. Acesso em: 13 abril 2022.

PROENÇA, P. S. de. *Sob o signo de Caím: o uso da Bíblia por Machado de Assis*. 2011. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

RONCOLATO, M. A tela 'A Redenção de Cam'. E a tese do branqueamento no Brasil. *Nexo Jornal*, v. 14, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/14/A-tela-%E2%80%98A-Reden%C3%A7%C3%A3o-de-Cam%E2%80%99.-E-a-tese-do-branqueamento-no-Brasil>. Acesso em: 10 maio 2022.